

DIANTE DA IMAGEM, DIANTE DO TEMPO, DIANTE DA MEMÓRIA¹

Sandra Antunes

santunes@eselx.ipl.pt

Teresa Pereira

tpereira@eselx.ipl.pt

<https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.197>

Resumo

O presente texto sintetiza um processo de trabalho desenvolvido com estudantes da licenciatura de Artes Visuais e Tecnologias no âmbito da UC de Estudos de Arte e Design, que, partindo de testemunhos sobre a memória do 25 de abril de 1974, culminou na criação de ensaios visuais que deram corpo à exposição *Ah Liberdade!*

Esta exclamação assumiu-se como uma encruzilhada de vozes e imagens que testemunharam, através de vivências pessoais, diferentes momentos da história portuguesa da segunda metade do século XX. Georges Didi-Huberman (2017) lembra-nos que, perante a imagem, estamos também perante o tempo. Neste sentido, reunindo a palavra e a imagem, os ensaios visuais presentificam uma memória, tecida a partir dos quotidianos nos quais o trabalho, a escolarização, a repressão, a resistência, e finalmente, a festa da democracia lhe conferem uma diversidade de texturas.

1 - “Quando estamos diante da imagem, estamos sempre diante do tempo” é uma expressão de Georges Didi-Huberman na qual baseámos este título. O presente trabalho revisita ainda outros textos, nomeadamente, a folha de sala da exposição *Ah! Liberdade!* publicada no livro *Memória, Artes Visuais e Comunidade* (2025), pelo que se observam alguns excertos do texto original.

“Quando foi o 25 de abril... aquilo para mim foi...
Ah! Liberdade! Poder falar!
Um alívio a gente poder falar!”

Gabriela Costa.

O testemunho de Gabriela Costa, uma das vinte e cinco pessoas que deram a sua voz a propósito da recolha da memória sobre o 25 de abril de 1974, levada a cabo por ocasião do seu quinquagésimo aniversário, expressa o sentimento de muitos portugueses nesse dia, ao saberem da revolução em curso, que pôs um termo ao regime do Estado Novo. Pela eloquência que a constitui, como pelo sentido do qual se reveste, a exclamação *Ah! Liberdade!* serviu como mote para a realização de uma exposição na Escola Superior de Educação do Politécnico de Lisboa (ESEL), durante o mês de junho de 2024 (Figura 1). Esta exposição, que reuniu 50 ensaios visuais realizados por estudantes da Licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias na Unidade Curricular (UC) de Estudos de Arte e Design, foi organizada no âmbito das comemorações dos 50 anos do 25 de abril de 1974, pela linha de investigação em Arte e Design do CIED/ESELx (Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais).



Figura 1
Cartaz da Exposição Ah! Liberdade!, junho de 2024.
Fonte: ESELx.

PODER FALAR!

A exclamação de Gabriela Costa, que integrou o testemunho próprio dado no âmbito do projeto *Time Lapse. Memória, Pós-Memória, Práticas Artísticas e Comunidade*, projeto financiado pelo concurso IDI&CA (IPL/IDI&CA2023/TimeLapse_ESELx), sintetiza muitos outros testemunhos e devolve tantas outras vozes, quando o dia 25 de abril de 1974 é recordado.

Gravitando em torno dos conceitos de Tempo, Memória, Pós-Memória e História, a ação desenvolvida no âmbito do projeto *Time Lapse*, convocou ligações entre o indivíduo e a comunidade, fazendo das metodologias artísticas seu recurso, para a investigação e a criação de intervenções artísticas em diferentes territórios. O conceito da metodologia visual *Time-Lapse*, reunindo imagem e memória num só momento, o antes e o depois, faculta a materialização, sob a forma de uma narrativa visual em tira, de um conjunto heterogéneo de registos/ testemunhos/vozes. Também no âmbito deste projeto foi realizada uma recolha de testemunhos nos concelhos de Santiago do Cacém e Setúbal, cujo ponto de partida consistiu na reunião de diferentes perspetivas acerca das vivências e dos quotidianos, pessoais e coletivos, durante o Estado Novo, a Revolução de Abril e as mudanças que esta trouxe.

Estes testemunhos constituíram-se como matéria-prima que, sujeita a uma ação de natureza artística e curatorial, resultou na criação de dezasseis monumentos efémeros, que vieram a ser eleitos pela população e instalados em espaço público, no território do concelho de Santiago do Cacém². Para além desta ação participada e da sua consequente extensão enquanto intervenção em espaço público, a matéria do trabalho desenvolvido resultou ainda, até à presente data, na criação e realização de três outras exposições, estando prevista a elaboração de duas mais.

PODER CONHECER!

Através da prática artística desenvolvida no âmbito das artes visuais e da prática curatorial, foi possível gerar ocasião favorável a uma iniciação, com estudantes da Licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias da ESELx, à mobilização de processos de pesquisa que cruzaram a *Art Practice-Community Based Research* (LeRue, 2023) e a *Service-Learning* (Vasquez et al. , 2021) como metodologias de abordagem, na medida em que: i) ambas as práticas (artística e curatorial) assumem a experiência prática como espaços de aprendizagem e reflexão; ii) a proposta apresentada aos estudantes, os contextos de trabalho, as fontes e

2 - Verificou-se a eleição e a consequente instalação de pelo menos um monumento em cada freguesia do concelho. Ver nota disponibilizada na página da ESELx: <https://www.eselx.ipl.pt/noticias/projetos-de-estudantes-em-santiago-do-cacem-50-anos-do-25-de-abril-0>

as práticas metodológicas mobilizadas, permitiram encetar uma participação na/da comunidade; iii) todas as práticas desenvolvidas assumiram como enquadramento conceptual, um conjunto de possíveis intersecções entre História, Memória e Pós-Memória, a partir das quais foram construídos os materiais de estudo, quer da respetiva integração espacial e quer da sua devolução à comunidade.

Num tal quadro, a exposição *Ah! Liberdade!* constituiu-se como um momento de síntese, de um processo de trabalho mais amplo e multidimensional, o qual permitiu articular os processos educativo e investigativo a partir de um contexto real de atuação, interligando a teoria e a prática no ato do fazer. Comportaram um conjunto de tensões inerentes, precisamente, ao primeiro contacto com os contextos espaço-temporais e à partícula de imprevisibilidade que está associada a estes processos de trabalho; tais processos arriscam e possibilitam, frequentemente, uma “Pedagogia do Evento” tal como a refere Dennis Atkinson (2011). Numa tal conjuntura, o território do “não conhecido” substitui o cardápio disponível dos saberes normalizados (Caetano *et al.*, 2020), possibilitando a abertura a “aprendizagens reais” (Atkinson, 2011).

Os 50 ensaios visuais que integraram a exposição *Ah! Liberdade!* resultaram de uma proposta de trabalho lançada às três turmas de 3º ano da Licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias, no 1º semestre do ano letivo 2023/2024, a qual decorreu de uma parceria com a Câmara Municipal de Santiago do Cacém (CMSC). Da recolha de testemunhos junto da comunidade, realizada pela Divisão de Cultura e Desporto da CMSC (na pessoa de Luís Cruz, com a colaboração de José Matias e do Arquivo Municipal de Santiago do Cacém), resultou a constituição de um arquivo de imagem e áudio, que foi partilhado com os/as estudantes.

A palavra e a imagem foram assim as protagonistas na criação de ensaios visuais (Figuras 2 e 3) as quais, ao mobilizarem diferentes regimes de visualidade (fotografia, fotomontagem e desenho), desvelaram um conjunto de assuntos que emergiram dos depoimentos recolhidos na comunidade, designadamente: i) a educação e as dificuldades em aceder à escola, uma realidade, para alguns, somente possível na idade adulta e /ou após 1974); ii) o quotidiano, para muitos dos/as entrevistados/as, marcado pela carência e pela subalternidade dos mais pobres e das mulheres; iii) o trabalho como realidade desde a infância e, no caso dos “assalariados rurais”, dependente da sazonalidade que ditava ciclos de fome quando, nos meses de inverno, escasseavam as tarefas nos campos; iv) a repressão e a resistência, sendo a ausência de liberdade, a conflitualidade social, as prisões, a repressão policial e a censura referidos amiúde nos depoimentos; v) a guerra e vi) a “festa” da democracia, a liberdade e a melhoria das condições de vida, mencionadas como conquistas apenas alcançadas com a Revolução dos Cravos.



Figuras 2
Ensaio visual de Sara Albuquerque.



Figuras 3
Ensaio visual de Ruben Pinheiro.

NÃO SABIA QUE TINHA TANTO LIVRO PROIBIDO!³

A exposição como dispositivo de pesquisa e comunicação, capaz de articular aprendizagens e práticas culturais, assume-se como um espaço privilegiado para integrar a arte e a cultura no quotidiano escolar. Considerar as instituições educativas como pólos culturais, tal como defendido na “Carta de Porto Santo” (República Portuguesa, 2021), implica um compromisso para a construção coletiva de significados não só a partir das práticas pedagógicas, mas também a partir da investigação e das práticas artísticas desenvolvidas em contextos académicos.

Neste sentido, a curadoria de exposições em contexto educativo assume-se como um nó polissémico que associa visualidades, materialidades e discursos. A exposição subentende um exercício de comunicação, uma construção que associa objetos (materiais ou imateriais) impregnados de valores intrínsecos (Barbosa 2013; Botallo, 2004), trazendo uma “manifestação de ideias num quadro sociocultural” (Ferreira, 2017, p. 36).

A pesquisa curatorial integra, no caso da curadoria educativa, desde logo o processo relacional pedagógico e inclui a criação dos objetos considerando, entre outras, as dimensões conceptuais, técnicas, discursivas, estéticas; a seleção e a comunicação, constituindo-se enquanto

3 - Excerto do depoimento de Noémia Frazão sobre a venda clandestina de livros e discos proibidos pela censura. A frase completa: “Quando foi o 25 de abril, o meu marido teve uma frase engraçada: não sabia que tinha tanto livro proibido!”.

espaço de mediação, aberto à reciprocidade, potenciadora do sensível e da emancipação dos públicos (Martins & Oliveira, 2024).

A dimensão curatorial surge, no caso da proposta de trabalho lançada aos/às estudantes de Artes Visuais e Tecnologias, como parte integrante de um processo de pesquisa baseado na prática e ancorado na comunidade. O desenvolvimento de um ensaio visual a partir dos testemunhos partilhados e tendo como finalidade última a criação de monumento efêmeros alusivos à memória do 25 de abril de 1974, implicou um pensamento que articulou as poéticas individuais de cada estudante (os seus modos de dizer), com modalidades de integração no espaço urbano, considerando a interação quotidiana com os transeuntes e por isso atendendo a aspetos técnicos e estéticos, tais como a escolha da imagem, cor ou a escala.

Todavia, entre a habitação do espaço/tempo urbano e a exposição num espaço delimitado da galeria, interpõem-se outros aspetos cruciais, tais como a necessidade e os critérios de seleção de um conjunto de 50 ensaios visuais, a partir de um total de cerca de 150 possíveis, e o projeto para a sua adequação ao espaço disponível, ao movimento, ao sentir e à perceção e leitura pretendidos por parte dos públicos. Neste sentido, impuseram-se critérios de qualidade e de representatividade.

A seleção recaiu assim, em primeiro lugar, sobre propostas que do ponto de vista técnico, compositivo e estético apresentavam qualidades que refletiam a natureza dos processos levados a cabo. Em segundo lugar, a representatividade assumiu uma dupla dimensão: por um lado, foi entendida como sinónimo de variedade de modalidades gráficas (desenho, fotografia, fotomontagem, integração de desenho e fotografia) e, por outro, atendeu à diversidade de assuntos que emergiram dos depoimentos e assim permitiam traçar um quadro mais amplo das problemáticas associadas ao processo de investigação, em sentido estrito, e à complexidade das ligações entre História e Memória.

Neste sentido poderemos afirmar que, sendo a memória uma filtração e reconfiguração de momentos históricos, composta e montada a partir de vivências individuais e coletivas (Le Goff, 2000), os ensaios visuais que integram a exposição traduzem várias camadas de significado, já que materializam visualmente diferentes leituras e perspetivas acerca da memória partilhada por outrem. Todavia, tal como qualquer exercício de leitura e interpretação, também a construção destas composições visuais comportou uma memória das narrativas acerca do 25 de abril, composta por aqueles que não o experienciaram diretamente – os estudantes.

Neste sentido, no seu conjunto, os ensaios visuais evocam não só a memória guardada no arquivo de memória composto a partir dos testemunhos áudio e visuais oferecidos por aqueles que experimentaram

o tempo e o espaço do pré e pós abril de 1974; como uma pós-memória (Hirsch, 2008) composta a partir do entrecruzar de narrativas orais e documentação visual, que transversalmente atravessa o tempo histórico situado entre as décadas de 1950 e 1980 e as representações, desse mesmo tempo, compostas por aqueles que não o vivenciaram.

A exposição, tal como foi organizada, pretendeu propor um desafio simultâneo de percepção e leitura. Por um lado, a justaposição dos ensaios visuais (Figuras 4 e 5), impressos em formato médio do A2, propôs diferentes níveis de percepção das formas, palavras, observação isolada e de conjunto dos materiais expostos, numa relação dialética entre espaço e observador.

Por outro lado, essa apropriação do espaço da galeria, através da ocupação de quase toda a extensão da parede, remete-nos para outras formas de apropriação do espaço após o 25 de abril de 1974, nomeadamente a proliferação de pinturas murais, cartazes, *slogans* que invadiram os espaços urbanos, formando corpo com o espaço quotidiano edificado, ativando-o e com isto transformando-o na vivência, na leitura e na ação estética proporcionadas.



Figuras 4
Exposição *Ah! Liberdade!*. Vista parcial.
Fonte: própria.



Figuras 5
Exposição *Ah! Liberdade!*. Vista parcial.
Fonte: própria.

Esta ação dialética entre os objetos expostos e a arquitetura é ainda ampliado pela introdução de informação complementar, como são os textos e as folhas de sala (Figura 6), os quais, não se constituindo embora como objetos de arte, produzem, pela sua presença, “outras e novas leituras potencializadoras da experiência e do(s) partido(s) conceitual(ais) proposto(s) pela exposição” (Osório, 2018, p. 71).



Figuras 6

Texto e lista de participantes na exposição *Ah! Liberdade!*.
Fonte: própria.

ESTAMOS CÁ PARA DEIXAR UM MUNDO MELHOR COM A NOSSA PARTICIPAÇÃO⁴

Reunindo a seleção restrita de um conjunto mais vasto de exemplos, a exposição *Ah! Liberdade!* procurou evidenciar e desocultar processos de pesquisa baseados na prática, nas áreas das artes visuais, do design, do projeto de curadoria artística e da sua ação.

Estas formas de pesquisa, tantas vezes observadas com desconfiança, na medida em que incorporam o dissenso, a disrupção, o erro e a diversidade nos seus processos e nos seus resultados, permitem-nos, através do desenvolvimento de processos criativos, abordar problemáticas da atualidade e discernir camadas de sentido que se furtam, por vezes, a outros protocolos investigativos. É num tal sentido que possibilitam a experimentação de diferentes ligações entre o pensamento criativo e a reflexão crítica na abordagem a questões de natureza social, cultural e artística, bem como indagar diferentes modos de articular subjetividades e memórias partilhadas, representações históricas, narrativas pessoais, perceções por sobre o território e o poder.

Gostaríamos de terminar com o excerto final do texto da folha de

4 - Excerto do depoimento de Mário Primo: “Essa visão de que é possível fazer um trabalho de muita exigência e de qualidade mesmo na escola, ou mesmo numa localidade periférica como esta [Santo André]. Essa visão acompanhou-nos ao longo dos anos e isto vem do 25 de abril e vem do PREC - da consciência cívica de que as pessoas têm obrigações para com a comunidade; de que não estamos cá para ser servidos só, mas estamos cá para deixar um mundo melhor com a nossa participação. Essa é uma visão que é filha do 25 de abril.”

sala da exposição *Ah! Liberdade!* que, redigido em junho de 2024, viu o seu significado acentuado um ano depois:

As vozes dos homens e mulheres, recolhidas junto da comunidade, expõem realidades que aparentemente estariam ultrapassadas, não fossem as sombras que pairam atualmente sobre a celebração da democracia e da liberdade ou de um recrudescimento de discursos, representações e formas de exploração, que se julgavam extintas pela conquista de direitos laborais. Elas interpelam a nossa responsabilidade diária na defesa de valores essenciais para a salvaguarda de uma sociedade sã, a qual não pode estar desligada de um pensamento e discurso historicamente informados, do direito e do dever de memória como pilares fundamentais para compreender o passado, agir sobre o presente e perspetivar o futuro.

Referências

Atkinson, D. (2011). *Art, Equity and Learning. Pedagogies Against the State*. Sense Publishers.

Barbosa, C. (2013). A era da curadoria. *Museologia & Interdisciplinaridade*. 2, (4). <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16370>

Botallo, M. (2004). A curadoria de exposições de arte moderna e contemporânea e sua relação com a museologia e os museus. *Concinnitas – Revista do Instituto de Artes da UERJ*.1, (6). <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/44482/30252>

Caetano, A. P., Paz, A. L., Freire, I. P. & Carvalho, C. (org.) (2020). *Processos Participativos e Artísticos em Contextos de Diversidade*. Colibri.

Didi-Huberman, G. (2017). *Diante do Tempo*. Orfeu Negro.

Ferraz, M. C. (2017). A curadoria de exposições de arquitetura. *Revista arq.urb*, (20). <https://www.revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/135>

Hirsch, M. (2008). The Generation of Postmemory. *Poetics Today*, 29(1), 103–128.

Le Goff, J. (2000). *História e Memória*. Edições 70

LeRue, D. (2023). Meaning and Making: Laying the Groundwork for Community-Based Research-Creation. *LEARNing Landscapes*. 16(1). file:///C:/Users/asus/Downloads/1096-Article%20Text-1319-1-10-20230711.pdf

Martins, P.F.R. & Oliveira, F.M.(2024). Mediação Artístico-Cultural e Curadoria em contexto escolar. *Biblos*, (10), 95 -114. https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-10_4

Matos Pereira, T. & Antunes, S. (2025). Tempo, Memória, Artes Visuais e Comunidade. In T. Matos Pereira (coord. e ed.), *Memória, Artes Visuais e Comunidade* (pp.16-17). Escola Superior de Educação do Politécnico de Lisboa. ISBN 978-989-8912-25-1.

Osório, L. C. (2018). Virada curatorial: o pôr-em-obra da exposição como poética relacional. *Revista Poiésis*, 16(26), 65-80. <https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/22862> .

República portuguesa (2021). Carta de Porto Santo. A Cultura e a promoção da democracia: para uma cidadania cultural europeia. <https://www.culturaportugal.gov.pt/media/9171/pt-carta-do-porto-santo.pdf>

Vázquez, C., Gillanders, C. & De Garayo, S. (2021). Involving student teachers in the recovery of our elders' memories: a service-learning project in higher education, *Journal of Education for Teaching*, 4(47), 531-547. <https://doi.org/10.1080/02607476.2021.1920830>